



JORNAL DE NEGÓCIOS

Edição 02 Abril 2015

24 QUINTA-FEIRA 2 ABR 2015 **negocios**

MERCADOS

TAXAS DE JURO

Associações pedem cautela nos créditos com “swaps”

O Banco de Portugal lembrou as instituições financeiras de que podem contornar a evolução negativa da Euribor acordando derivados de taxa de juro com os clientes. As associações temem a complexidade destes contratos para as empresas.

RAQUEL GODINHO
rgodinho@negocios.pt

O Banco de Portugal obriga os bancos a reflectirem a evolução da Euribor para “terreno” negativo nos contratos de crédito com os seus clientes. Contudo, lembra as instituições financeiras de que têm ao seu dispor instrumentos para contornar esta evolução: “swaps”. Tratam-se de derivados de taxa de juro que as associações empresariais consideraram complexos, recomendando cautela às suas associadas, tendo em conta os problemas verificados no passado.

Os bancos “podem, por outras vias, acautelar os efeitos da referida evolução [negativa do indexante] nos contratos de crédito e de financiamento que venham a celebrar no futuro”, refere o Banco de Portugal na carta-circular publicada esta terça-feira. Ou seja, as instituições financeiras podem acordar com os seus clientes a comercialização de “instrumentos financeiros derivados de taxa de juro”, que requerem a assinatura de um segundo contrato, autónomo, onde os clientes declaram que abdicam da possibilidade de vir a beneficiar de valores mais baixos do indexante do que aqueles definidos no acordo.

Para Paulo Nunes de Almeida, a quem a entidade associada transmitiu que assinou um destes financiamentos, estes contratos devem ser apresentados a “empresas de uma determinada dimensão”. Isto porque, sublinha o presidente da Associação Empresarial de Portugal (AEP), as companhias devem contar com “competências internas ou contratar especialistas para avaliar este tipo de contratos e acautelar todos os problemas, de modo a que mais tarde não digam que desconheciam o que estava em causa”. E também os “os reguladores devem ter uma especial atenção para evitar problemas”, conclui ao Negócios.

As instituições financeiras “introduziram alguns derivados financeiros em coisas que são simples”, começa por dizer António Marques, que lembra que “não há muitas empresas que tenham ganho com os “swaps”. Aliás, “muitas empresas tiveram perdas substanciais e tantas outras colapsaram”, sublinha o presidente da Associação Industrial do Minho. Nesse sentido, “recomendamos às empresas que analisem bem os produtos que compram e tenham mais cuidado em operações que não sejam simples”.

Uma posição partilhada por Luis Ceia. “Diria que atendendo à grande velocidade a que o mercado evolui, recomendo não aceitar estes instrumentos que, quando a situação se inverte face ao que estava previsto, pode deixar as empresas armadas a situações mais penosas”, realça o presidente da Associação Empresarial de Viana do Castelo, que não tem conhecimento de associadas a quem tenha sido apresentada esta solução que qualifica de “complexa”.

Também Luis Tilo, o presidente da Associação Empresarial de Vila Real (Nervir), não tem conhecimento de nenhuma associada nesta situação. “Penso que ainda não é isso que está a acontecer”, resume.

“Não é muito simples para um leigo entender o sentido e o alcance de cada cláusula de um crédito, o que é mais verdade no caso dos “swaps”, defende Carlos Lucena. “Como advogado, sou testemunha de várias médias empresas que celebraram “swaps” e assumiram encargos com muita relevância sem compreender”, frisa o sócio da Telles de Abreu, Delgado, Lucena e Associados.

O Banco de Portugal lembrou que os bancos “podem, por outras vias, acautelar os efeitos” das taxas negativas.

Os valores negativos da Euribor devem ser repercutidos nos créditos aos clientes, sejam eles particulares ou empresas, diz o Banco de Portugal.